

O GOLPE DE 64 E A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ARRAES

MANOEL CORREIA DE ANDRADE*

Resumo: Este artigo aborda acontecimentos políticos em Pernambuco desde a redemocratização até o final do regime militar, que se iniciou em 1964; dividido em quatro sub-itens: *a política pernambucana após a redemocratização, as esquerdas e a luta pelo poder, a ascensão de Arraes e Arraes governador*, o autor apresenta o itinerário político do Governador Arraes tendo como cenário o desenvolvimento 'das esquerdas' e sua participação na luta pelo poder.

Abstract: This article deals with political events in Pernambuco since redemocratization, until the end of military rule which began in 1964. It consists of four items: politics in Pernambuco after redemocratization; the left and the struggle for power; Arraes' rise and Arraes as governor. The author describes Governor Arraes' political itinerary within the context of leftist groups' action and their participation in the struggle for power.

01 – A política pernambucana após a redemocratização

Ao analisarmos a vida política pernambucana após a deposição de Getúlio Vargas e a queda do chamado Estado Novo observa-se que ela foi muito tumultuada e feita por grupos com fortes divergências políticas e ideológicas entre as facções da esquerda e da direita. Durante

o Estado Novo (1937 / 1945) um homem forte dominou a política pernambucana e acreditando que o sistema democrático, a nível internacional estava esgotado, tratou de ser mais “realista do que o rei” e impôs um sistema controlado pela polícia política e por um movimento sindical engajado ao poder e por ele controlado. Este homem foi Agamenon Magalhães, professor de geografia e de teoria do estado, e especialista em direito corporativo. Seguiu as idéias de doutrinadores como Hugo Spirito e Monoiesco, muito caras aos grupos fascizantes europeus. Deve-se lembrar que a Europa estava caminhando em duas direções, o comunismo da União Soviética e o fascismo e o nazismo da Itália, da Alemanha, da Espanha e da Polônia.

Agamenon, com forte visão política e de grande capacidade de controle de poder formou um secretariado de forte inclinação salazarista, com o apoio do Pe. Fernandes SJ, goiano de origem e desenvolveu suas idéias difundidas no jornal diário em que escrevia, a Folha da manhã e em uma revista que teve pouca duração, Fronteiras.

Com o resultado da guerra na Europa e com a participação do Brasil na mesma, Getúlio Vargas sentiu necessidade de levá-lo para o ministério, mas ele teve o cuidado de deixar como seu substituto na Interventoria do estado o dedicado auxiliar Etelvino Lins. E o domínio de Agamenon Magalhães continuado pelos políticos do seu partido, o Social Democrático continuou até 1958. Sucederam-se no governo Barbosa Lima Sobrinho, ele próprio, Etelvino Lins e o Gal. Cordeiro de Farias. A União Democrática Nacional que a ele se opunha só conseguiu vitória para governador em 1958.¹

02 – As esquerdas e a luta pelo poder

Nas primeiras eleições após a queda de Vargas, Pernambuco surpreendeu ao país, por haver dado uma expressiva votação a Iedo Fiúza, apresentado à presidência pelo Partido Comunista do Brasil e haver o mesmo sido o candidato mais votado no Recife. O vitorioso no estado, como no país, foi o Gal. Dutra, apoiado por Vargas e pelos condestáveis do Estado Novo. O segundo mais votado foi o Brigadeiro Eduardo Gomes, apoiado pelos grupos econômicos mais representativos.

As esquerdas que elegeram três deputados federais – Gregório Bezerra, Agostinho Dias de Oliveira e Alcedo de Moraes Coutinho e

cerca de 15 deputados estaduais se sentiram fortes e em condições de disputar a Prefeitura do Recife e se organizarem na chamada Frente do Recife.² E conseguiram fazer a metade da Câmara de Vereadores e, ao se fazer eleições para prefeito, o Prefeito do Recife, o engenheiro Pelopidas da Silveira.

O eleitorado esquerdista de Pernambuco era expressivo e compreendia tanto operários e camponeses como intelectuais de maior expressão como entre outros Josué de Castro, o médico e geógrafo autor da Geografia da Fome, o contista e advogado Francisco Julião, que se notabilizaria como organizador das Ligas Camponesas o advogado Carlos Duarte, o médico Rodrigues Calheiros que foi prefeito de Jaboatão, o médico Eliazar Machado, o promotor Paulo Cavalcanti, o arquiteto Artur Lima Cavalcanti e numerosos militares. O grupo esquerdista não era homogêneo, congregando comunistas, socialistas, sindicalistas, católicos de esquerda, trabalhistas, etc... No período de luta eleitoral em geral eles se reuniam para disputar com os controladores do eleitorado.

O Governo Cordeiro de Farias demonstrava grandes contradições de vez que o titular, que era gaúcho, tinha no plano nacional, simpatias pelo UDN e no plano estadual fora eleito pelo PSD. As contradições do grupo foram se acentuando a proporção que o tempo passou e em 1957 / 8, ele em choque com as classes produtoras, com a burguesia mais forte e influente e levou a mesma a fazer uma aliança com a Frente do Recife, com as esquerdas. Desta aproximação surgiu uma chapa formada por Cid Sampaio para governador e Pelopidas da Silveira para Vice-governador. Chapa que foi vitoriosa com grande diferença de votos sobre o candidato Jarbas Maranhão, apesar das qualidades altamente positivas do mesmo. Na verdade Jarbas Maranhão não perdeu as eleições por falta de qualidades para o exercício do cargo, mas pelas circunstanciais do momento histórico que Pernambuco vivia.³

03 – A ascensão de Arraes

O governo de Cid Sampaio despertou grande entusiasmo popular face ao fato do governador ser um engenheiro e industrial e de prometer intensificação do processo de industrialização do estado. Este processo seria liderado pela implantação de uma fábrica de borracha sintética, que utilizaria como matéria prima a cana de açúcar. Segundo a

propaganda divulgada ele traria uma usina motriz nova para o estado e daria condições de sobrevivência a velha indústria canavieira que atravessava um período de crise. Também o governador desapropriou terras da usina José Rufino, no Cabo, e implantou um distrito industrial.⁴

O governo não foi bem sucedido, rapidamente nos seus empreendimentos e logo ocorreria a rompimento dos industriais da UDN com os esquerdistas, dominantes na capital. E este choque se refletiria logo nas eleições municipais, quando Cid pretendia fazer prefeito do Recife, a um correligionário e os esquerdistas passaram a procurar um candidato que considerassem ideal. Entre outros falou-se em Barros de Carvalho, líder trabalhista de linha getulista, Josué de Castro, o grande médico e geógrafo, estudioso do problema da fome e defensor da reforma agrária e Miguel Arraes de Alencar que havia sido deputado estadual e secretário da fazenda de Barbosa Lima Sobrinho e de Cid Sampaio.⁵

Como prefeito, Arraes fez uma administração renovadora apesar das divergências com o governo do estado e da oposição dos setores mais conservadores do Recife. Entretanto ele desenvolveu uma administração popular, preocupando-se com os problemas de educação, de cultura, de saúde e de habitação.

Quanto a educação e Cultura ele desenvolveu o chamado Movimento de Cultura Popular, convocando um enorme massa de voluntários, em geral estudantes, para se dedicar a alfabetização do povo. Neste movimento que empolgou a população da cidade e que foi comandado pela educadora Anita Paes Barreto, surgiu uma Cartilha Popular, de Norma Porto Carreiro Vasconcelos e através de ligações com a reitoria da UFPE, então Universidade do Recife o famoso método de alfabetização de Paulo Freire. Ao mesmo tempo que o MCP trabalhava com a educação e o ensino básico se preocupava também com a revitalização da cultura popular, tanto de origem européia, como indígena e africana. Procurou-se integrar a cultura das classes então consideradas inferiores, valorizando-as e demonstrando que o Brasil não era um país europeu, de civilização européia, mas também um país indígena e africano.

Quanto a habitação Arraes desenvolveu a idéia de que as casas populares deviam ser construídas pelos seus futuros habitantes, com os cômodos de que eles desejassem e construídas com material barato, não aquelas casas planejadas em gabinetes fechados por pessoas de classe

social mais elevada. Daí a sua preocupação, levada por décadas da construção de casas de taipa, mais baratas em lugar das casas de alvenaria.

A administração de Arraes na Prefeitura credenciou-o a ser o candidato a governador em 1962, enfrentando mais uma vez ao engenheiro João Cleofas, que foi apoiado pelo governador Cid Sampaio.

04 – Arraes Governador

A eleição para governador foi muito dura, de vez que Arraes conseguiu apenas o apoio dos pequenos partidos associados à Frente do Recife, de grande parte do PSD, que seguia a orientação de Paulo Guerra, seu companheiro de chapa enquanto João Cleofas foi apoiado pela UDN com o governador Cid Sampaio, de forte ala do PSD chefiada por Etelvino Lins e por grande parte das forças conservadoras. Uma terceira ala do PSD apoiou a candidatura do engenheiro Armando Monteiro Filho, genro de Agamenon Magalhães. A campanha contra Arraes foi muito financiada pelos setores mais conservadores da burguesia e pela Igreja católica, na ocasião muito conservadora. Também teve ostensivo apoio de instituições norte americanas como a Aliança para o Progresso em uma ocasião que os Estados Unidos mantinham numerosos cônsules no Recife.

Vitorioso, assumiu o governo, composto por seus partidários, pelas forças de esquerda, por representantes do PSD guerrista, e por pessoas ligadas ao Senador José Ermírio de Moraes, que pertencia ao PTB e o apoiara. Com um governo um pouco heterogêneo ele procurou desenvolver um programa, na época, considerado avançado, modernizador.

Sempre voltado para obras de infra-estrutura, Arraes deu prioridade, porém, a questão social, questão que o preocupou durante toda a vida e ação política. Assim, ele resolveu apoiar as reivindicações dos trabalhadores do campo que exigiam a aplicação do Estatuto do Trabalhador Rural, promulgado em 1963 graças a projeto de lei do deputado gaúcho Fernando Ferrari. Esta lei levava ao meio rural os princípios jurídicos estabelecidos durante o Estado Novo, pelo governo Getúlio Vargas e ainda permitiam ao trabalhador rural o uso do direito de greve. Antes de Arraes, era comum o proprietário de terra utilizar a polícia para reprimir os movimentos trabalhistas no campo o que provocava choques entre os policiais e os trabalhadores mobilizados

pelas Ligas Camponesas, chefiadas por Francisco Julião,⁶ pelos sindicatos católicos chefiados no Cabo de santo Agostinho pelo Pe. Melo e em Jaboatão pelo Pe. Crespo e os sindicatos comunistas, fortes, sobretudo na Mata Sul, em Palmares pelo líder Gregório Bezerra. Arraes, reunindo no Palácio do Carmo das Princesas os líderes camponeses e os proprietários de terras conseguiu realizar o Acordo do Campo que evitou uma luta encarniçada e garantiu direitos aos trabalhadores rurais.⁷

Para livrar os agricultores, pequenos proprietários ou sem propriedade da dependência de intermediários, no interior, Arraes conseguiu mobilizar os bancos oficiais e desenvolver um programa de empréstimos aos mesmos a juros baixos.

Para isto conseguiu do Bandepe, controlado pelo próprio estado e de algumas agências do Banco do Brasil, sediadas em Limoeiro, Caruaru, Vitória de santo Antão e desenvolveu através do GEPA – Grupo Executivo da Produção de Alimentos, - por ele criado, um programa de empréstimos a juros oficiais. Com isto ele impedia que estes pequenos agricultores ficassem a depender de juros elevados oferecidos por grandes proprietários e por comerciantes que financiavam os mesmos e impunham a venda da produção de milho, feijão, algodão, etc... na época da safra a preços baixos⁸ empobrecendo aos agricultores. Forma de empréstimo dominante no Agreste e no Sertão e que faziam que a grande massa camponesa ficasse na dependência econômica e política dos grandes proprietários que eram também comerciantes.⁹

Modesto, calado, pouco expansivo ele procurava realizar uma revolução social a nível estadual de vez que sabia que certas medidas de maior expressão ele não podia realizar em face de ser de competência da União, do governo federal; também sabia que estava atirando em terreno minado não podendo atuar sem manter atenção aos seus inimigos declarados com Carlos Lacerda e até certo ponto de seus aliados, como Jango Goulart que mesmo fazendo um governo oficialmente reformista, defendendo uma série de reformas indispensáveis ao Brasil, como a agrária, a urbana, a da educação, etc... por ser eminentemente conciliador poderia sacrificar qualquer aliado em função de uma vitória maior a curto praso.

Também Arraes estimulou a construção de obras de infra-estrutura como a abertura de avenidas no Recife, melhorou as condições urbanas

e dos serviços da Avenida Boa Viagem e deu grande atenção as áreas periféricas do Recife.

Ainda com sua atuação, melhorando as condições de vida do trabalhador rural ele promoveu o desenvolvimento do comércio das cidades interioranas e estimulou o uso de pequenos transportes individuais – bicicletas – e de comunicações, o rádio de pilha.

05 – A *débâcle*

As transformações que ocorriam no país incomodaram aos Estados Unidos e a burguesia nacional e levaram as forças armadas, com apoio de amplos setores das classes média e alta e se levantarem em março de 1964, e a derrubarem o governo constituído em 1º de abril do mesmo ano. No Recife a cidade foi ocupada por um grupo de coronéis e o palácio cercado, tendo sido o governador convidado a mudar os seus secretários ou a renunciar. Arraes reagiu como um bravo recusando-se a obedecer ao “ultimatum” que lhes foi apresentado alegando que tinha um mandato do povo e que só ao povo poderia devolvê-lo.¹⁰

Recusando-se a capitular ele foi aprisionado e levado para o quartel da Vila Militar de Socorro e de lá para Fernando de Noronha, onde foi também levado prisioneiro o governador deposto de Sergipe, Seixas Dória.¹¹ Voltando depois para o Recife e daí para o Rio de Janeiro, onde libertado por uma ordem de hábeas corpus, refugiou-se e recebeu asilo em embaixada da Argélia. Daí seguiria para o exílio onde viveu e trabalhou durante cerca de 15 anos.

Durante o longo período na Argélia ele desenvolveu atividades, escreveu livros como “Brasil, o Poder e o Povo”¹² e orientou líderes dos países africanos que estavam alcançando a independência.

Com a anistia, voltou ao Brasil, pronto para retomar a sua luta política e para reconquistar o poder, que lhe fora arrebatado. Encontrou em Pernambuco onde foi recebido com grandes festejos e homenagens um povo a sua espera, mas também um partido oposicionista que enfrentara a ditadura e que tinha como seus líderes jovens como Marcos Freire, Jarbas Vasconcelos, Fernando Coelho, Cristina Tavares, Egídio Ferreira Lima e outros prontos para continuar a luta. Na primeira eleição direta para governador apoiou Marcos Freire, que face a um artifício eleitoral,

o da vinculação de votos foi derrotado, mas na seguinte, em 1986, ele foi candidato e se elegeu “entrando no Palácio pela porta em que saíra”. Continuando a sua luta em favor do que ele tornou-se um mito e concluído o mandato, depois de quatro anos em 1994 ele foi candidato e se elegeu pela terceira vez. Neste período foi reformada a Constituição permitindo a reeleição e em 1998 ele se candidatou mais uma vez sendo derrotado pelo seu competidor e ex-correligionário Jarbas Vasconcelos.

Em 13 de agosto de 2005, depois de longa enfermidade Miguel Arraes faleceu, sendo levado ao túmulo por uma multidão que o dedicava a maior admiração e apreço, e certamente o considerava como maior Pernambucano vivo. O Governador Jarbas Vasconcelos, apesar de ser seu inimigo político propôs que a rodovia transnordestina seja denominada Miguel Arraes de Alencar numa homenagem ao homem que além de grande reformador social foi também um homem que tinha grande preocupação com os sistemas de transporte e de comunicação.

Notas:

*Professor do Departamento de Geografia da UFPE.

¹LIMA FILHO, Andrade. *O China Gordo, Agamenon Magalhães e sua época*. Recife. Editora Universitária, 1976

²SOARES, José Arlindo. *A Frente do Recife e o Governo Arraes*. São Paulo. Paz e Terra. 1982

³CAVALCANTI, Paulo. *Da Coluna preste a Queda de Arraes*. São Paulo. Alfa e Ômega. 1978

⁴BARROS, Adilson. *Ascensão e Queda de Miguel Arraes*. Equador. Rio de Janeiro. 1965

⁵CALLADA, Antônio. *Tempo de Arraes. A Revolução sem Violência*. São Paulo. Paz e Terra, 1965.

⁶JULIÃO, Francisco. *O Que são as Ligas Camponesas*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1962

⁷BASTOS, Elide Rugai. *As Ligas Camponesas*. Vozes. Petrópolis. 1984

⁸ANDRADE, Manuel Correia de. *1964 e o Nordeste. Golpe, Revolução ou Contra Revolução*. Contexto. São Paulo. 1989

⁹ANDRADE, Manuel Correia de. *A Terra e o Homem no Nordeste*. 7ª edição. Cortez. São Paulo, 2005

¹⁰COELHO, Fernando Vasconcelos. *Direita Volver*. Recife. 2004

¹¹DÓRIA, Sampaio. *Eu, réu sem culpa*. 2ª Edição. Equador. Rio de Janeiro, 1967.

¹²*Coleção nordestina*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.